



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA E PARA EDUCAÇÃO NO
CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

**“MENINA PUTA, MENINO COMEDOR”: representações
sociais nas práticas docentes, na escola.**

ANA FLÁVIA GOVEA DE SOUZA

BRASÍLIA
2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

ANA FLÁVIA GOVEA DE SOUZA

“MENINA PUTA, MENINO COMEDOR”: representações
sociais nas práticas docentes, na escola.

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

Professor Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Sainy Coelho Borges Veloso

BRASÍLIA

2015

Souza, Ana Flávia Govea

“Menina puta, menino comedor”: representações sociais nas práticas docentes na escola / Ana Flávia Govea de Souza – Brasília p. 11-65, 2015

Monografia (pós-graduação) – Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia – EAD 2015

Orientadora Prof Dra^a Sainy Coelho Borges Veloso, Departamento de Psicologia.

1. Representações de gênero
2. Práticas docentes
3. Relações de gênero na escola

ANA FLÁVIA GOVEA DE SOUZA

“MENINA PUTA, MENINO COMEDOR”: representações sociais
nas práticas docentes na escola

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão
do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no
contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

ANA FLÁVIA GOVEA DE SOUZA

Profª Drª Sainy Coelho Borges Veloso

Professora-Orientadora

Titulação, Nome completo

Professor- Examinador

Brasília, 14 de Novembro de 2015

Dedico este trabalho a todos os meninos e meninas, que um dia, a escola possa contribuir para superarem as representações de seus gêneros, marcadas por preconceitos, estigmas e limites emocionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNB – Universidade de Brasília pela iniciativa de um trabalho de formação continuada dessa magnitude, ao meu tutor da pós-graduação, Onofre Rodrigues Miranda, por todos os trabalhos corrigidos com tanto cuidado, demonstrado através dos feedbacks. Obrigado, ainda que não o tenha conhecido pessoalmente até aqui, agradeço sua dedicação para comigo, você contribuiu de forma direta no meu aprendizado.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Dr^a Sainy Coelho Borges Veloso, que, foi imprescindível para que eu avançasse e conseguisse chegar a reta final deste trabalho.

Posteriormente, agradeço a minha grande amiga, Janaina, que me indicou a realizar esta pós-graduação, você sempre terá meu respeito, admiração e carinho por todos os nossos anos de amizade que se iniciaram na graduação.

Agradeço a escola estadual do município de Turiuba, onde me formei, pela abertura e possibilidade de entrar em contato com os alunos e docentes, sem isso, este trabalho não poderia ter acontecido.

Agradeço ao meu amor, José, que tantas vezes me acolheu e num abraço conseguiu me acalmar para que eu seguisse em frente mesmo diante das adversidades.

Agradeço a minha família, em especial minha mãe, esta que foi é a figura de mulher mais importante para mim, que influenciou minha primeira formação da maneira mais linda e livre possível, olho para todas as meninas e mulheres através de seus olhos, e foi, através do seu amor que aprendi a amar a mim e aos outros, obrigado mãe!

Por último, agradeço, a minha eterna professora e inspiração, Pr^a Dr^a Ana Paula Araújo Fonseca, que contribuiu de maneira decisiva e direta na construção permanente da minha formação profissional e humana. Que me ensinou para além do que qualquer livro é capaz de ensinar. Foi através desse contato humano que eu pude aprender efetivamente. Eu não seria capaz de descrever fielmente tudo que você representou e representa para mim como profissional e como pessoa. Eu a admiro por muitas coisas, seu posicionamento, louvável resistência a esse mundo feio e fútil, sua política de tanta ética e bom senso, sua fidelidade a tudo e todos que ama, a sua lucidez, a beleza de tudo que é.

A todas as escolhas que me trouxeram até aqui. A toda pluralidade de experiências e convivências que fizeram de mim um ser humano sensível ao mundo e preocupada com o processo educacional. Que em algum momento eu tenha a certeza de que alguma coisa valeu a pena, de que, de todas as tentativas, alguma sobreviveu às derrotas diante da avalanche do contrário, do imposto, do desumano. E que meu fortalecimento não me embruteça, que o sentimento de indignação e tristeza sempre estejam presentes em mim, permitindo que a esperança sobreviva a todo e qualquer ataque, que as violências de um sistema educacional ridículo não me violentem enquanto ser humano. E que elas aumentem minha ânsia na mudança sempre e sempre.

Resumo

O Brasil apresenta índices altos de violência baseada no gênero, assim, a escola torna-se um ambiente favorável e legítimo para problematizar e resignificar as relações entre meninos e meninas, na busca por mudanças das representações sociais de gênero construídas ao longo da história, de forma a contribuir para a diminuição da cultura de violência de gênero. A partir da linha de base onde alunos e professores tiveram suas opiniões ouvidas diante de situações-problema, e buscou compreender as convergências e divergências no discurso de alunos e professores, buscou-se realizar uma intervenção junto aos docentes procurando problematizar as representações de gênero que formavam seus posturas e perspectivas. O presente trabalho pode averiguar através das representações de docentes e alunos, o quanto há uma clara opressão em relação as meninas/mulheres e o impedimento de seus corpos, a falta de espaços no ambiente escolar para promover estas discussões com alunos, professores e gestão, averiguou também, que há uma incompreensão da gestão e dos demais agentes escolares a respeito da legitimação e importância de se tratar destas relações na escola apontando para a diversidade e o respeito a ela. Faz-se necessário, ainda, que haja uma constante formação no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Representações sociais, relações de gênero, orientação sexual na escola.

SUMÁRIO

TEMA	11
PROBLEMATIZAÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Sexualidade, representações sociais e educação	11
1.2 Gênero	15
2. JUSTIFICATIVA	17
3. OBJETIVOS	17
3.1 Objetivos gerais	17
3.2 Objetivos específicos	18
4. METODOLOGIA	19
4.1 Contexto de investigação-intervenção	19
4.2 Participantes	20
4.3 Instrumentos de pesquisa	21
4.4 Recursos materiais e humanos	21
4.5 Procedimento	21
4.6 Intervindo na escola	22
5. RESULTADOS	24
5.1 LINHA DE BASE	24
5.1.1 Representações sociais de roupas femininas	24
5.1.2 Representações sociais a respeito da sexualidade da mulher	25
5.1.3 Representações sociais a respeito da sexualidade do homem	26

5.1.4	Representações de feminilidade e masculinidade	27
5.2	INTERVENÇÃO	28
5.2.1	Representações sociais a respeito da sexualidade da mulher	28
5.2.2	Representações sociais a respeito da sexualidade do homem	29
5.2.3	Culpabilização por abusos	29
5.2.4	O reconhecimento da escola como espaço para discutir gênero	30
6.	DISCUSSÃO	33
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	ANEXO I	41
	ANEXO II	51
	ANEXO III	52
	ANEXO IV	53
	ANEXO V	54

Tema

Representações sociais nas questões de gênero na escola.

Problemática

Há influência de valores dos docentes, em suas práticas educativas, nas questões de gênero na escola?

1. Fundamentação Teórica

1.1 Sexualidade, representações sociais e educação

A sexualidade humana perpassa aspectos biológicos, sociais, culturais, históricos, políticos, econômicos, religiosos e morais (CHAUÍ, 1985 apud MAIA; RIBEIRO, 2010). Partindo da ideia de que todos esses aspectos são construídos em um determinado período histórico-social, conclui-se que a sexualidade deve ser compreendida como algo dinâmico e mutável, que se caracteriza por um conceito que abrange as práticas sexuais que foram construídas culturalmente e o modo como os seres humanos se apropriam e vivenciam essas práticas sexuais (CHAUÍ, 1985 apud MAIA; RIBEIRO, 2010).

A sexualidade, assim como as demais práticas humanas, não é um fenômeno isolado do contexto no qual está inserido, e não deixa de ser construído e influenciado pelas políticas e pela estrutura social as quais está submetido. Portanto, é um conceito abrangente, que vai além do ato de penetração, envolvendo comunicação, desejo, erotismo, sentimentos, construção e expressão dos papéis sexuais e de identidade de gênero, gratificação libidinal, cerimoniais, relações afetivas e sexuais (MAIA, 2001).

A sexualidade humana é considerada de uma perspectiva ampla, que faz parte do desenvolvimento e da aprendizagem humana desde o nascimento, ocorrendo de maneira inerente a uma educação sistemática, ou seja, ocorre também de maneira informal, uma vez que a própria cultura e a forma como se estrutura a sociedade interferem em como a sexualidade será construída, representada e vivenciada pelos indivíduos (MAIA, 2010; SILVA, 2000). Nesse sentido, desde a gravidez, o processo de construção da sexualidade ocorre, mais precisamente o processo da construção da identidade de gênero, quando a família decide, por exemplo, o nome, a cor das roupas que serão compradas para a criança, os

brinquedos, os valores que se pensa para ensinar a meninas e os valores que se pensa para ensinar a meninos, etc.

A educação sexual deve ser pensada para além de informações a nível biológico, que funcionem sob uma lógica repressora, esta prática educativa deve vislumbrar questionamentos acerca da significação da sexualidade e de como esta é representada e vivenciada dentro de um contexto histórico-social-cultural para que seus resultados possam contribuir para a libertação do homem e da mulher dos tabus, preconceitos e medos acerca da sexualidade e de como estes podem vivenciá-la (BRUSCHINI, 1981).

Nesse ponto, as representações sociais são determinantes para tipificar, classificar, nominar e rotular a sexualidade. Principalmente, porque elas se mantêm para garantir poder de determinados grupos sociais à respeito do que entendem por “normalidade”, “pudor”, “moral”, e determinados outros valores sociais. Representações sociais é uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana. Uma forma de atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e grupos para fixar suas posições em relação a determinadas situações, objetivos, comunicações, interesses. Constitui-se no e pelo social como um quadro de apreensão que fornece uma bagagem cultural pelos códigos, símbolos, signos, valores e ideologias ligadas às posições e vinculações sociais de determinados grupos sociais. A representação é um conhecimento prático que dá sentido ao que é desconhecido e assim forja evidencia de uma realidade consensual e constrói a realidade social (SÊGA, 2000)

A repressão não está aqui representada pelo discurso do impedimento, de não permitir o sexo e a expressão da sexualidade em suas múltiplas formas, mas está ligada a imposição de uma ordem linear para os comportamentos, representações sociais. Nessa ordem o que se apresenta é um modelo de como todas as pessoas devem vivenciar o sexo/sexualidade boa e normal, e o que é ser menino e ser menina. (CHAUÍ, 1980). De uma maneira mais ampla, o mercado se apropria da sexualidade usando-a a favor do consumo, independente de como esta sexualidade está sendo posta para ser vendida, de como a partir disso é vivenciada, representada e refletida, impondo padrões, disseminando e legitimando preconceitos e práticas sexistas (CHAUÍ, 1980; FURLAN, 2006).

Nas sociedades pós-modernas tem-se atribuído a especialistas a autoridade para dizer sobre as pessoas quais movimentos, quais fantasias, prazeres e formas de vivenciar e representar a sexualidade são corretas, quando na verdade educar sexualmente uma pessoa está mais ligado a ajudá-la justamente a questionar os modelos de relações, os estereótipos de

gênero e os padrões comportamentais envolvendo o sexo, para que a esta pessoa caiba a reflexão crítica a respeito da própria sexualidade, de seus comportamentos e de seu corpo, bem como das possibilidades de sua representação no mundo, questionando os papéis que são atribuídos com base em questões biológicas, compreendendo que ser homem ou ser mulher está para além dessa questão (CORDAZZO; VIEIRA, 2008; KEHL, 1981). Dessa forma não há um modelo a ser imposto, mas um modelo a ser refletido, repensado, contextualizado no momento histórico, cultural, social, político e econômico (KEHL, 1981).

Uma vez que se tem um padrão da sexualidade e de quais relações se pode vivenciar e de que forma isso tem que ocorrer, as *perversões* são incentivadas a serem realizadas no consumo e não dentro das relações humanas, pois estas “não podem ser corrompidas” por práticas consideradas desviantes (KEHL, 1981).

Desde cedo o contexto familiar e escolar trazem em si valores e comportamentos dos quais as crianças e adolescentes se apropriam, contribuindo direta ou indiretamente para a construção da identidade de gênero e para as relações de gênero, que giram em torno de comportamentos considerados normativos para ambos os sexos biológicos. A escola ensina essa construção em práticas de segregação entre meninos e meninas, que vão desde as brincadeiras permitidas e incentivadas a cada um, até as falas dos professores para denominar meninos como mais bagunceiros, menos estudiosos, mais inquietos, mais rebeldes etc, enquanto as meninas são denominadas como: mais estudiosas, mais quietas e obedientes, mais delicadas, sentimentais, mais organizadas, ou dependendo de seus comportamentos, consideradas como oferecidas, provocativas, putas, etc, (BELOTTI, 1985; CORDAZZO; VIEIRA, 2008; WHITAKER, 1988).

Desta forma, o conceito de gênero implica na maneira como o indivíduo se compreende (como homem ou mulher). As questões biológicas que distinguem os seres humanos como machos e fêmeas são de uma ordem natural, no entanto, a apropriação de comportamentos designados socialmente masculinos ou femininos, independe das características biológicas, uma vez que são construídas nas e pelas relações humanas (CARLOTO, 2002; SILVA, 2000)

Ao homem é dado, desde cedo, o direito a liberdade da rua, e a ele é negado os compromissos do lar; a mulher, por sua vez, é condicionada desde a mais tenra idade a se apropriar dos cuidados da casa e das crianças que um dia terá, por isso vemos meninos mais ativos e inquietos e meninas mais sensíveis e solícitas (BELOTTI, 1985; WHITAKER, 1988).

Esses comportamentos têm sido naturalizados pela sociedade e reproduzidos e legitimados no contexto escolar, com separações de filas por sexo biológico, separações nas brincadeiras e em atividades em sala de aula, etc. (BELOTTI, 1985; WHITAKER, 1988).

Meninos são educados na condição de provedores tanto emocionais, quanto financeiros, ainda que as sociedades modernas tenham dado passos nesse sentido, ainda presenciamos uma pressão sutil, e por vezes “oculta” para que a mulher tenha um companheiro e filhos, pois a ela restará a solidão no envelhecer, enquanto o homem não está fadado a isto necessariamente. Com isso, é esperado que meninos tenham desvios de conduta, enquanto isto causa maior espanto ao ocorrer entre meninas, como brigas, exploração da própria sexualidade, palavrões, quebra de regras, independência etc. (WHITAKER, 1988).

Dentro de todas essas questões de estereótipos criados pelas representações sociais, que condicionam comportamentos femininos e masculinos, bem como legitimam somente as relações heteronormativas, nas quais ainda se educa a mulher para a submissão e o homem para o provimento desta, ocorre uma valorização da função masculina, enquanto as mulheres ainda são desvalorizadas (BELOTTI, 1985). Esta desvalorização, opressão e preconceito estão por muitas vezes ocultos ou são indiretos, como ocorre nas piadas machistas, a exemplo do que disse o comediante Rafinha Bastos: “Mulher feia deveria agradecer por ser estuprada”, na publicidade que objetifica a mulher etc. (GARRINI, 2007; OLIVEIRA, 2011). No caso dessas relações intergrupais, o julgamento social é um bom exemplo para explicitar a tendência das representações sociais em fixar a imagem do outro dentro de um status “natural” ou “biológico”. Essa “biologização” do social transforma as diferenças sociais em diferenças do ser. O que acaba por induzir a tristes resultados, tão frequentes na história da humanidade, pois acaba por banalizar e legitimar ações.

É neste contexto social que, segundo dados do Anuário das Mulheres Brasileiras de 2011, divulgado pela Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres e pelo Dieese, quatro entre cada dez mulheres já foi vítima de violência doméstica (BRASIL, 2013).

Dentre as iniciativas das políticas públicas voltadas às mulheres, parte dos investimentos está voltada à capacitação de profissionais da educação (BRASIL, 2013). Há possibilidade de que a formação inicial e continuada de professores discuta as questões de gênero que permeiam as práticas escolares, é necessário que as escolas tomem um posicionamento claro e formal sobre quais práticas serão ensinadas aos meninos e meninas. É

pressuposto que mudanças nas práticas educativas resultarão em mudanças nesse cenário de violência contra a mulher.

A maneira como ainda se educa as crianças e adolescentes para que se apropriem dos determinados papéis e identidades de gênero pode ter correlação com a alta taxa das múltiplas violências contra a mulher?

Ao levantar tal hipótese, se faz necessário investigar como as práticas educativas dos professores tem levado a manutenção de lógicas machistas e sexistas no contexto escolar, uma vez que, a escola é um ambiente legítimo para ocorrer discussões sobre sexualidade humana e todos os aspectos que a envolvem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) dão à educação sexual um aparato legal e pedagógico, que pode e deve ocupar discussões no espaço escolar, que para além de informar a respeito do tema, deve formar pessoas capazes de pensar de maneira autônoma e crítica a respeito de sua própria sexualidade, bem como de como esta esteja sendo representada cultural, social, econômica e politicamente (SAITO; LEAL, 2000).

Muitas vezes a escola torna-se o único espaço onde a sexualidade pode ser compreendida e discutida, tornando-se um espaço de acolhimento das dúvidas e de orientação. A escola que pensa e trabalha a sexualidade não está somente formando cidadãos mais seguros e amparados para agir e refletir sobre a sexualidade em si, mas também para os valores como: respeito às diferenças, sensibilidade com o outro, respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, etc. É através da educação, da formação de professores e questionamentos quanto às representações sociais, que se pode repensar as questões de machismo, sexismo e violência entre gêneros.

1.2 Gênero

O conceito de gênero diz respeito a um conjunto de representações sociais sobre quais comportamentos são adequados para homens e mulheres, estas representações são construídas ao longo da história, e vão por sua vez se modificando e se resignificando ao longo de histórias que se somam, e por sua vez, criam novas imagens para representar, ou seja, para compreender e explicar os fenômenos, objetos e comportamentos, (ARRUDA, 2002; BRASIL, 2001).

Compreender as relações de gênero, bem como os papéis estabelecidos socialmente para ambos, nos permite sair das explicações biologicistas para as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que, estas diferenças construídas historicamente e representadas num coletivo através da sociedade tem se baseado na opressão e discriminação das mulheres, não promovendo os mesmos direitos para ambos, discriminações estas que, apesar da evolução social e cultural promovida através dos movimentos feministas, ainda permanecem, em grande parte de maneira silenciada (BRASIL, 2001).

O feminismo é mundialmente conhecido a partir da década de 1960, no entanto, se inicia bem antes, em sua primeira onda, com o sufrágismo, voltado às questões de acesso ao voto e a campos de trabalho para as mulheres, o movimento acabou por fomentar interesses específicos das mulheres brancas, pois, ainda não tinha problematizado as relações de gênero bem como suas peculiaridades e variabilidade a depender de todo um contexto (LOURO, 2003).

Já na segunda onda do feminismo, que tem seu marco histórico nos anos de 1960, mais especificamente em 1968, quando inúmeras minorias políticas reivindicavam pelo mundo mudanças sociais e políticas a respeito de seus direitos e seu lugar. (LOURO, 2003). Louro, 2003, diz também, neste momento é reconhecido que as mulheres de classe trabalhadora e as camponesas, ao contrário das donas de casa brancas, já exerciam profissões para além do lar. Neste momento, o movimento produz também livros, revistas, artigos, levam as discussões pra dentro das universidades e desejam tornar a mulher visível, combatendo a inviabilidade histórica permeada e construída através do discurso predominante do homem, justificando-se através do machismo e do patriarcado. (BELOTTI, 1985; LOURO, 2003).

Há diferentes perspectivas analíticas neste contexto descrito da segunda onda do feminismo, e uma destas perspectivas é biológica, ou seja, distinguem-se homens e mulheres através de suas diferenças biológicas, dessa forma, a desigualdade social, política e historicamente construída entre mulheres e homens, justifica-se por este discurso biologicista (LOURO, 2003).

Assim, Louro, 2003 irá dizer que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se

compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (p. 21).

É neste contexto que o gênero começa também a ser refletido para além de uma única história, de único lugar e uma única sociedade, os corpos tem representações sociais, que tomam lugar num espaço-tempo, bem como tem influencias diretas nas diferentes formas sociais culturais onde as pessoas vivem e vivenciam seu gênero. Aqui, os estudos vão para além, compreendendo que a construção dos gêneros se distingue a cada país, cada etnia, religião, economia, classe social etc. (BELOTTI, 1985; CHAUI, 1980; LOURO, 2003; PERROT, 2007)

É importante salientar também, que aqui, não estamos somente compreendendo os gêneros como uma construção inacabada que é perpassada por múltiplos aspectos num tempo-espaço mas, estamos entendendo este, como sendo distinto de identidades sexuais, estas que variam em seus parceiros e práticas de relacionamento afetivo-sexual, as identidades de gênero estão para o modo como o sujeito se identifica, com quais práticas sociais e culturais, um homossexual masculino, não necessariamente se identificará com uma identidade feminina por exemplo. (LOURO, 2003).

2. JUSTIFICATIVA

Compreender, através do discurso destes adolescentes, quais as lógicas de gênero que permeiam suas práticas, perspectivas e concepções, e o modo como os educadores tem, ou não, lidado com este fenômeno, nos levará a uma discussão sobre a construção e manutenção dos altos índices de violência contra as mulheres no Brasil, seja esta violência física, psicológica, patrimonial ou simbólica, no modo como são representadas culturalmente. E a escola é um importante lugar de transformação dessas práticas, mediadas pelas representações sociais, ou de sua perpetuação.

3. OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo geral

Identificar no discurso dos adolescentes quais suas concepções sobre questões relacionadas aos papéis de gênero, de maneira, eles compreendem que “meninos e meninas” devem se comportar, compreendendo nesse discurso se há uma naturalização de práticas

discriminatórias e violentas baseadas no discurso machista, e de quais formas a escola tem contribuído para seu rompimento ou manutenção, analisando em consonância os motivos que levam o Brasil a ter altos índices de violência contra mulheres.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar o discurso de adolescentes a respeito de suas concepções sobre as diferenças de gênero e seus comportamentos;
- Analisar o discurso dos educadores a respeito de suas concepções sobre as diferenças de gênero investigando quais suas práticas pedagógicas para compreender de quais formas eles têm conseguido romper ou manter discursos e práticas discriminatórias e violentas baseadas no gênero.
- Compreender qual a importância do papel educacional formal para a educação baseada nos Direitos Humanos que rompa com o quadro de violência contra as mulheres no Brasil.

4. METODOLOGIA

4.1 Contexto da Intervenção

A escola se localiza em um município pequeno no interior do estado de São Paulo, a cerca de 600 km da capital, ao Noroeste Paulista. Acolhe crianças pertencentes a famílias de classe trabalhadora, com condições econômicas desfavoráveis. O prédio atende ao Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, onde estudam cerca de 150 crianças e adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, contando com 1 diretora, 2 vice-diretores, 1 coordenador pedagógico, 1 mediadora, 3 pessoas na secretaria da escola, 4 inspetoras (sendo 2 contratadas pelo estado e 2 pela prefeitura local), cozinheiras são 5 (para todo o município, há um local chamado Cozinha Piloto que distribui comida para todos os níveis de ensino), na equipe de limpeza são 4 pessoas e 1 zelador do prédio, que vive com sua família em um casa acoplada ao prédio escolar.

A escola conta com um corpo docente composto por 19 professores. Desses, 2 são do Projeto de Tempo Integral (PAA – Professor de Apoio a Aprendizagem), os projetos são: Sala e Leitura e Atividades Curriculares Desportivas (Atletismo e Vôlei) e 7 dão oficinas selecionadas anualmente pela Gestão Escolar, as oficinas são: a) Experiências matemáticas; b) Orientação de estudos; c) Espaços educadores sustentáveis; d) Tecnologia e Sociedade; e) Leitura e Produção de Texto, f) Atividade Esportivo Motor.

Durante o período da manhã funcionam 9 salas de aulas (3 dessas são de ensino fundamental I, 6º, 7º, 8º, 9º anos; 1º e 2º anos do Ensino Médio) e no período da tarde 4 salas de aula (6º, 7º, 8º, 9º anos), e no período da noite 1 sala de aula (3º ano do Ensino Médio), o intervalo conta com o tempo de 15 minutos para todas as turmas.

A escola tem uma infraestrutura de 9 salas de aulas; 2 banheiros (1 para os meninos e 1 para as meninas); 1 sala de informática; sala dos professores; secretaria; sala da direção; sala da coordenação; sala da mediadora; 2 almoxarifados para guardar os materiais da escola; 1 banheiro para os professores; 1 copa para os professores; um pátio de concreto; uma biblioteca/sala de leitura; 1 quadra de esportes coberta, e uma área externa com bancos para os alunos.

Os recursos da escola são: 2 bedéis; 2 TVs; 2 DVD's; 3 aparelhos de telefone; cerca de 25 computadores (1 para a direção, 1 para a coordenação, 4 para a secretaria, 1 para os professores, 2 para as inspetoras, 1 para mediadora, o restante para a sala de informática), 6

impressoras; 1 micro-ondas; 1 geladeira; cerca de 14 mesas grandes no refeitório e cerca de 28 bancos para as mesas de refeitório, materiais como: folha sulfite; almoço; papel seda; papel cartão; cartolina; EVA; cola quente; tesouras; lápis de cor; lápis de escrever; canetas para colorir; apontadores; borrachas; cola branca. Materiais de limpeza e higiene: vassouras; pá; rodo; desinfetantes; detergente; buchas; esponja de aço; papel higiênico; sabonete líquido, entre outros.

A investigação-intervenção ocorreu em uma escola pública estadual no município de Turiuba no interior do Estado de São Paulo. A cidade conta com uma população pequena, com cerca de 1.900 habitantes, sendo muitas famílias ainda pertencentes a áreas rurais aos arredores do município. A maior parte da população é religiosa e divide-se entre maioria de católicos e evangélicos (Congressão Cristã e Assembleia de Deus). A cidade conta com três prédios escolares, um para Educação Infantil, um segundo para Educação Fundamental I. Porém, o prédio da Escola Estadual, abriga três das salas de fundamental I, devido a falta de espaço no outro prédio.

Nesse panorama, o local é limpo, bem organizado e bonito, as pessoas foram educadas. De 3 salas de aula apenas 7 alunos quiseram participar. Todos tinham falas tais como: "Ah eu não sei falar sou muito burro..." "Eu não consigo tenho vergonha de dar minha opinião" "Não sei fazer essas coisas...não consigo falar". Foi explicado como funcionaria, sobre a descrição, que não havia certo e errado e que todas as opiniões seriam válidas. Mas todos falavam negativamente a respeito de si mesmos justificando a não participação. Apenas 3 meninas se prontificaram, mas, de antemão disseram: "se a gente errar, se a gente for burra a senhora ajuda?". É perceptível que nem os alunos, nem os professores gostam de estar na escola, assim como as famílias, a gestão se queixou muitíssimo da não adesão das famílias nas raras reuniões de pais, que ocorrem apenas duas vezes no ano, e tem por objetivo somente fazer apontamento de notas e erros dos alunos.

4.2 Participantes: Os participantes do estudo foram 7 adolescentes, de ambos os sexos, dos anos de Ensino Médio de uma escola pública estadual, todos com perfil socioeconômico com renda igual ou inferior a dois salários mínimos, sendo todos de famílias de classe trabalhadora, com pais que trabalham em serviços de base seja na área urbana ou rural. Bem como 2 professores/educadores de disciplinas distintas, que atuam na escola, e são, residentes

do município, ambos tem apenas 3 anos lecionando, e ambos estudaram a vida toda na escola em que hoje atuam, tem formação superior, todos participaram voluntariamente da pesquisa.

4.3 Instrumentos de pesquisa: sete situações problemas, celular com câmera de vídeo, gravador de áudio, textos, vídeos de curta-metragem e filme.

4.4 os recursos materiais e humanos: alunos, professores/educadores, folha sulfite, celular, gravador, televisão, DVD.

4.5 Procedimento:

1º Momento: Foi realizada uma busca ativa no ambiente escolar para encontrar 12 alunos voluntários e 5 educadores também voluntários, no entanto, somente 7 alunos das 3 salas de colegiais e 2 docentes se prontificaram em participar da pesquisa, que consistiu em responder sobre sete situações simuladas, onde os adolescentes e professores puderam expressar suas opiniões. Todos os participantes assinaram o termo de esclarecimento livre e consentido.

Para realizar esta coleta de dados, foi realizada uma roda de “bate-papo”, onde as situações simuladas foram lidas para os alunos, e os mesmos disseram o que pensavam sobre cada situação e, o que fariam diante da mesma, de maneira livre. Os educadores por sua vez, não quiseram fazer esta roda de conversa, responderam as situações-problemas via celular por meio do programa de whatsapp. Seriam 3 professores, no entanto, uma educadora acabou solicitando a retirada de seus dados iniciais de linha de base. Uma das educadoras, após a busca ativa entre o corpo docente, enviou uma carta, explicando os motivos pelos quais não participaria da pesquisa e o quanto a mesma era absurda.

2º Momento: Foi combinado com o coordenador pedagógico e com a gestora escolar, que durante 3 semanas, no momento de ATPC (Atividade de Trabalho Pedagógica Coletiva), seria permitido que a pesquisadora realizasse encontros com os docentes T. e J., diante do aval dos mesmos. Assim, foi combinado o dia e horário com os professores que permaneceram nesses encontros por cerca de 1h-1h20min. No entanto, ambos não se permitiram novamente serem gravados ou filmados, pois, segundo os mesmos, temiam que qualquer informação sobre suas opiniões pudessem lhes causar transtornos com os demais colegas de trabalho, que se opuseram de forma geral a este trabalho. Portanto, foi solicitada a

ajuda de uma terceira pessoa, A.A, para que pudesse anotar as falas dos mesmos junto a pesquisadora, e diante da recusa dos mesmos de serem filmados ou gravados, lhes foi apresentada esta alternativa de maneira que ambos concordaram.

4.6 Intervindo na escola

Foram realizados 3 encontros com os 2 professores que se propuseram a participar da pesquisa. Os encontros foram todos realizados no ambiente escolar em horário de ATPC (Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo); onde a gestão, previamente informada permitiu que este horário fosse utilizado pela pesquisadora pelo período citado acima. No entanto, uma das docentes solicitou a retirada de seus dados do trabalho, após a pesquisadora ter recebido uma carta de outra professora, dizendo que esta pesquisa era um absurdo para o ambiente escolar e que nenhum docente havia recebido qualquer orientação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para dizer qualquer coisa a respeito do tema.

Os encontros tiveram por objetivo, problematizar junto a estes docentes, seus posicionamentos em relação as questões baseadas no gênero, suas falas foram sendo anotadas pela pesquisadora.

1º Encontro: Problematização da construção dos papéis de gênero x a vivência das identidades de gênero.

Materiais e recursos utilizados: Datashow, som, pen driver e os curtas “Vida Maria”, (2006) e “Era uma vez outra Maria” (2006). Estes curtas foram escolhidos, pois o primeiro conta a história do ciclo geracional baseado nas construções dos papéis de gênero e como este ciclo é difícil de ser rompido justamente por ser entendido como natural. No segundo curta, conta a história de uma adolescente, que vai se dando conta das “amarras sociais” impostas em sua educação ao longo da vida através do gênero, no entanto, diferente da personagem anterior, esta Maria busca novas formas de se comportar ao começar a se questionar sobre sua educação.

Objetivo: Problematizar junto aos professores o que são e como se dão os papéis de gênero, bem compreender quais opressões estes papéis acabam trazendo para a vida das pessoas.

2º Encontro: Problematização das opressões e violências trazidas pelos papéis de gênero

Materiais e recursos utilizados: Datashow, som, pen driver e trechos do filme “Confiar” (2010) e “100 escovadas antes de dormir” (2006). As cenas destes filmes foram escolhidas uma vez que, ambas as personagens sofrem abuso(s), no entanto, a primeira, tem um perfil de menina considerado “socialmente e sexualmente adequado”, e a condução do filme deixa claro o objetivo de se demonstrar o abuso. Já a segunda personagem, tem um “perfil socialmente sexualmente considerado inadequado” para sua idade, os abusos e humilhações que a personagem sofre estão claros ou não, a depender a leitura que se faz de sua personagem, pois a violência não está apresentada como tal neste filme.

Objetivo: Problematizar junto aos professores sua compreensão dos comportamentos das suas personagens principais (adolescentes), bem como seu olhar para as questões de abuso sexual envolvendo a ambas fazendo uma interface com os papéis de gênero.

3º Encontro: Discutir com os docentes as possibilidades de criar espaços de discussão sobre sexualidade (de maneira a abranger as questões de gênero) e quais espaços escolares deverão ser construídos por eles. Isso ocorreu através de partes previamente selecionadas do PCN, onde, fotocópias foram entregues a ambos os docentes, realizou-se a leitura e em seguida a discussão sobre as partes do documento.

Materiais e recursos utilizados: PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade, cultura e orientação sexual.

- Orientação sexual na escola

- a) A orientação sexual na escola
- b) Postura do educador
- c) Relação família-escola

- Os conteúdos de Orientação Sexual para o primeiro e segundo ciclos

- a) Relações de gênero

5. RESULTADOS

Os resultados foram apresentados em duas partes principais. A primeira, conta com os dados da linha de base, entrevistas realizadas com professores e alunos a partir de situações-problemas onde ambos tiveram de opinar sobre seus posicionamentos.

A segunda parte dos resultados consiste em descrever os dados da intervenção realizada com os dois docentes em três momentos distintos durante o horário de ATPC. Ambos os resultados foram analisados com base na Teoria das Representações Sociais.

Ambas as partes foram analisadas através de categorias para apresentar os dados de forma mais objetiva e direcionada a problematizar através da discussão as relações de gênero e representações sociais na escola, de professores e alunos.

5.1 Linha de Base

5.1.1 Representações sociais das roupas femininas

EAL: “Eu acho que os meninos tão errados nessa situação, não é porque a menina ta de roupa curta que ela quer isso ai né?!”

ET: “Eu também acho que os menino tão errado, mas a menina também precisa prestar a atenção no que veste por as vezes o cara ve ela de um jeito vulgar ne!”

PT: “(...) o tamanho da roupa que ela usa não é necessariamente um convite pro sexo né, Isso não dá o direito a ninguém!”

PJ: “Penso que a menina fez bem em não dar moral, mas deve mudar suas vestes, para não chamar muito a atenção. Por ser nova e bonita deve se comportar decentemente e evitar andar sozinha em ruas escuras pra evitar esse tipo de assédio”

A representação das roupas que uma menina veste ainda estão são para o imaginário coletivo¹ como uma forma de provocar, de se insinuar. A linguagem das roupas e do corpo pressupõe o desencadeamento de determinadas situações que, ainda que de forma geral haja, a convergência de que o ataque a uma menina com roupas curta é errado, há por outro lado a ideia de que a “prevenção” para tais ataques masculinos estão vinculados a usar roupas

¹ Conjunto de símbolos, conceitos, costumes, lembranças, memória que tem significado específico para um indivíduo, mas é comum a um grupo de uma mesma comunidade. Trata-se de uma rede “etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concerta ou virtualmente” (SILVA, 2006, p. 9)

consideradas mais adequadas, ou seja, não usar roupas curtas e que mostrem tanto o corpo (ARRUDA, 2002). Há aí, a idéia do controle dos corpos femininos, a mulher precisa se “portar” de maneira socialmente adequada para que os homens não a ataquem, porque homens tem fortes desejos, e estes não podem então ser controlados caso a mulher os desperte (BELOTT, 1985; KODATO, 2010).

Novaes (2011) diz, portanto:

(...) O corpo readquire uma nova importância como forte agenciador das subjetividades contemporâneas. Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrentes de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino (p.477).

A explicação do autor contempla a questão das representações sociais no que diz respeito à sua sexualidade, conforme veremos a seguir.

5.1.2 Representações sociais a respeito da sexualidade da mulher

EI: “Ai sei lá, ela tinha que pensar que isso vai denegri a imagem dela né, mas ela pode até abrir um boletim de ocorrência contra a pessoa que espalhou né?!”

EM: “Ahhh, so observo, quer pagar de puta bom pra nois né (risos)!”

PT: “Eu não vejo problema dessa menina ta beijando vários meninos numa festa, numa balada, desde o momento em que ela se comporte, se dê ao respeito (...)”

PJ: “Acho que ela ta fazendo errado, pois desse jeito está perdendo o respeito em sociedade. (...) no dia seguinte chamaria ela pra conversar e falar que isso não é certo por ela ser uma mulher”

PJ: “(...) Acabam que meninos e meninas acham tudo novidade mas eles tem que saber que tipos de vídeos pornográficos não são a melhor forma de reconhecer as mudanças do corpo.”

PT: “(...) E é isso, se a menina tem vontade de fica com o menino, chega. Tem vontade chega!”

EAL: “(...) A menina fica com muitos meninos, ela é a puta, o menino fica, ele é o pegador!”

PT: “Ahn, se ele filmou sem o consentimento dela, ele precisa ser punido, e se ele tivesse filmado com o consentimento dela e espalhado ele também deveria ser punido.”

PJ: “Penso que é uma situação muito chata, pois muito pior ela se “entregar” a ele e ele expor o corpo dela sem ela saber. (...)”

Os comportamentos das mulheres ainda são medidos, subordinados a uma lógica de opressão de sua sexualidade e de acordo com a representação social masculina, mesmo que expresso por uma mulher. Nesse sentido há uma introjeção de valores masculinos, geralmente paternos, no sentido de que, comportar-se de maneira “vulgar” significa expressar seus desejos, sua sexualidade. Na representação dos estudantes e dos professores fica claro essa dicotomia entre comportamentos de uma menina “puta e não-puta”. O professor T, demonstra um posicionamento mais flexível em relação aos comportamentos das meninas. No entanto, seu julgamento ainda recai sob a representação social de “se dar ao respeito, se comportar”. Perrot, irá dizer que “a mulher é um ser marcado para a possessão, para a passividade” (p.63), ou seja, há na representação social da sexualidade da mulher, uma objetificação de seu corpo, onde o mesmo é um receptáculo dos desejos masculinos e impedido de manifestar-se para construir sua autonomia sexual, (PERROT, 2007).

Um dos aspectos motivadores das agressões relacionadas a gênero baseia-se justamente na dominação e controle da parceira (o), incluso aí o controle físico, onde a mulher é punida socialmente – de diversas maneiras - por algum comportamento considerado inapropriado socialmente, (KODATO, 2010).

5.1.3 Representações sociais da sexualidade masculina

ES: “Menino ver isso é normal, eu nem ia estranhar não!”

ET: “(risos) ahhh, ia sentar com eles também, faz parte o homem gostar dessas coisas né.”

PT: “Independente de serem meninos ou meninas, eles precisam ser orientados que não são conteúdo apropriados para a idade deles”

EA.L: “Ai eu também não acho normal menina gosta de vídeo pornográfico, os meninos a gente já sabe que gostam, que vão ver essas putaria (...)”

Há uma clara “naturalização” que ocorre através das representações sociais que permeiam o “universo masculino” no que diz respeito à expressão dos desejos e da sexualidade masculina, e a objetificação do corpo da mulher, tal como analisado acima. Essas representações lhes permitem que ajam sob os corpos femininos da forma como desejarem,

pois lhes dão o pleno direito de controle e domínio sobre eles. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental: desconstruir essa representação. Na ‘fala’ de E.A.L percebemos a clara distinção de poder e não poder ver um vídeo pornográfico. As meninas não devem vê-los, mas é ‘normal’ na formação sexual dos meninos. Por outro lado, a grande parte dos homens tem sua formação sexual através da indústria pornográfica, que como diz Scruff apud Lubben (2013) em seu blog:

A indústria multibilionária do pornô quer que você acredite na fantasia de que as atrizes pornôs adoram sexo. Eles querem que você compre a mentira de que nós gostamos de ser degradadas por todos os tipos de atos repulsivos. Filmes editados de forma criativa e embalagens bonitinhas são projetados para fazer uma lavagem cerebral nos consumidores, e fazê-los acreditar que a luxúria, retratada nos rostos quentes e incomodados, faz parte do ato. Mas a realidade é que as mulheres estão com uma dor indizível por ser espancadas, estapeadas, cuspidas, chutadas e xingadas, como “prostitutazinha suja” e “banheiro de gozo”. (p.1).

Dessa maneira, a indústria pornográfica, e a mídia de maneira geral, também somam-se na construção e legitimação das representações sociais de gênero, contribuindo para perpetuar a lógica de opressão feminina (SCRUFF, 2013), como unicamente objeto sexual. No entanto, há uma clara compreensão legal a respeito desses conteúdos pelo professor T., quando ele deixa claro que o cerne da questão está na inadequação do conteúdo para a idade dos mesmos, independentemente de gênero.

5.1.4 Representações de feminilidade e masculinidade

EM: “Ah eu também não ligo, mas a menina não pode deixar de ser feminina né, se não fica esquisito”

ET: “É verdade isso ae, pode gostar do que eu gosto mas, não pode agir igual homem né, falar igual homem, é feio!”

PT: “(risos) Ah eu acho ótimo uma menina namora um cara que tira a sobrancelha e um menino namora uma menina que curte motocross. Acho legal, não vejo problema nenhum”

PJ: “Penso que ambos podem fazer coisas opostas não quer dizer que tanto um como outro não pode ter um relacionamento como outro qualquer.”

Professores e alunos convergem no que se diz respeito a gostos e habilidades de meninos e meninas. Percebemos que nas representações acima é permitido transitar por entre esportes, culinária, dança, games, etc. Essas atividades não são discriminadas por gênero. Contudo, há no cunho das falas a preocupação de que as meninas “não deixem de ser femininas”, “que não se pareçam com homens”. O corpo é representado socialmente, através deste, que por si, fala, obedece, transgride. Fica claro que o corpo da menina precisa se parecer, o máximo possível, com este imaginário que representa o que é, subjetivamente, ser “feminina” (NOVAES, 2011).

5.2. Intervenção

5.2.1 Representações sociais a respeito da sexualidade da mulher

PT: “(...) e o mais gritante é com certeza a masturbação né, porque a gente não vê as meninas levarem isso como uma prática comum, parece o fim do mundo uma menina fazer isso né?!”

PJ: “(...)acho que as meninas tão muito avançadinha hoje por culpa desse excesso de liberdade, (...)”

PJ: “(...) se masturba isso é feio pra uma menina, ela vai perder o respeito!”

PT: “(...)eu como educador vejo sim que os meninos são muito machistas com as meninas e enfim, elas também são, mas eu acho sabe, que isso tem que mudar, sei la, já era essa coisa de mulher num pode isso, homem num pode aquilo”.

PT: “(...) não deve haver exatamente limites pra comportamentos de homens e mulheres, não vejo mal algum em homens mais delicados e que cuidem da casa por exemplo, e mulheres que trabalhem fora, que não desejem ter filhos que namorem bastante etc...”

Há nas primeiras falas, de ambos os professores, uma grande convergência em relação ao que apresentaram na linha de base e a forma como representam a sexualidade da mulher. Eles se posicionam de forma a apontar determinados comportamentos femininos como “avançado”, “vagabundinha”, etc. No entanto, há um reconhecimento de PT, para a necessidade de mudanças nas relações entre meninos e meninas. Entretanto, não somente isso, pois em sua última fala, ele se posiciona de forma mais aberta no que diz respeito a “namorar

bastante”. Apesar de PT, ter se posicionado ao longo da pesquisa de maneira mais flexível e aberta quanto às relações de gênero, o mesmo também expõe um imaginário com uma representação social, na qual o feminino corresponderia à “menina se comportar minimamente bem”, no sentido de se resguardar, não ficar com várias pessoas, etc. Há nesse aspecto, algumas mudanças sutis, percebidas ao longo dos encontros.

PJ, no entanto, mantém uma representação pautada na dicotomia da santa x puta, onde cada qual tem uma subjetividade a partir de seus comportamentos e roupas que as definiria. Este professor se mostrou durante toda pesquisa bastante machista, com demarcações mais claras e impositivas a respeito de qual o papel a ser desempenhado por meninos e meninas.

5.2.2 Representações sociais a respeito da sexualidade do homem

PJ: “Ahhhhh mas, ai cê ta pedindo demais né? Homem, se tiver oportunidade vai mesmo né!”

PT: “É sei lá, até concordo mas, não dá pra esperar isso de homem, mas concordo que a gente como adulto deve saber melhor o que fazer sim.”

Neste item, é possível notar que não houve alteração na naturalização das representações sociais sexuais dos homens. No caso, há a percepção de que as meninas devem se resguardar, pois “homem não consegue segurar seus desejos”. Em ambos, prevalece como representação social uma masculinidade de “comedor”, potencialmente ativos e com permissão social para agirem em direção a tal fim.

5.2.3 Culpabilização por abusos

PT: “(...) aquela outra mocinha do filme era muito vagabundinha, fiquei passado! Ela transava com todo mundo! (...) a outra não, a gente percebia que ela era uma menina assim, bobinha, que nunca namorou, o cara enganou ela fácil né!”

PJ: “(...) não é certo um homem daquela idade ir atrás de mocinha nova assim igual ela, mas ela também se deixou seduzir né, mentiu pros pais, mas a gente sabe que menor de 18 é bucha, que não pode né!”

PJ: “(...) você viu como ela age com os homens? Ela que vai atrás!”

PT: “Ai, fico com peninha dela sabe, acho que a avó e principalmente a mãe, tinham que

aconselhar ela melhor, pra ela se resguardar um pouco né?!”

Este item se complementa com o item anterior à respeito da naturalização dos desejos e do descontrole masculino em relação ao corpo da mulher. Em ambos os filmes, duas adolescentes são abusadas por homens mais velhos, seduzidas e induzidas a situações degradantes. Principalmente Melissa, a personagem que os professores não consideraram ter sido abusada, em detrimento de seu comportamento, entendido por ambos como “de vagabunda”. Este filme não tem a intenção necessariamente de demonstrar abusos, mas sim de contar a história desta adolescente. O mesmo não ocorre com a outra personagem, que tem uma família classe média alta, branca, “estruturada” e carrega em si uma representação feminina de ingenuidade, castidade e subordinação. O foco do filme é apresentar a forma de abuso sexual por indução da vítima, que é acatada pelos professores da mesma maneira da lógica do estupro, ou seja, eles não consideram o abuso ocorrido como legítimo.

É o que popularmente se entende como uma “cultura do estupro”, onde, a depender das vestes, do comportamento e do histórico da vítima, ela escapa deste lugar para ocupar o lugar que socialmente a representa por “culpada, provocadora do ato de violência, etc” (KODATO, 2010).

Muitas mulheres acabam desacreditadas desses abusos, que variam em forma e conteúdo. Muitas acabam não denunciando ou solicitando ajuda. As mulheres também se apropriam de sua “indecência social”, acreditam não terem o direito a voz e a proteção diante de um espaço negado e silenciado. Nesse espaço social de preconceitos e pautado por representações sociais machistas, a mulher não apreende outras possibilidades de ser, pois lhe é negado a autonomia para a construção de sua história. Dessa forma, muitas mulheres se permitem serem agredidas de várias maneiras, do assédio ao estupro, (KODATO, 2010; MILL, 2006; NOVAES, 2011).

5.2.4 O reconhecimento da escola como espaço para se falar de gênero

PT: “Olha, eu confesso pra você que nunca tinha lido esse documento não, assim, a gente ouviu falar que tem esses apoios legais pra discutir sexualidade na escola, mas nunca tinha lido, achei bem legal (...). É difícil convencer a direção dessa necessidade, é mais difícil ainda conseguir explicar aos pais (...). Mas eu sei né, que precisa fazer isso, falar com a mulecada”

PJ: “Eu também nunca tinha lido isso não, achei legal sim, essa meninada tá precisando mesmo ser orientada, acho que a gente também né? Porque você vê só, eu por exemplo, sou formado em matemática, nunca na faculdade a gente viu qualquer coisa assim, ou parou pra pensar como que isso se aplicaria na escola, nas nossas aulas entende?”

PJ: “Então, aquele pedaço que fala que a gente passa nossos valores pros alunos, acho que a gente passa mesmo, sem querer né, mas a gente faz o melhor que pode, dá o melhor conselho né...Mas isso aí que você trouxe é diferente né, fala que a gente precisa falar de tudo, de muitos valores né diferentes com eles né?(...)”

PT: “(...), é muito difícil pensar em espaços para que possamos desenvolver algo nesse sentido, de pensar mesmo, de ser algo diretivo para pensar em várias coisas relacionadas a sexualidade, a gestão nunca permitiria isso entende?!”

PT: “(...) eu entendi assim, pelo que lemos que os pais também precisam ser orientados, inclusive sobre esses documentos, você nos orientou sobre muitas coisas esses três encontros não é mesmo?”

PT: “Eu ia gostar muito de poder desenvolver algum trabalho nesse sentido, a gente até podia fazer uma parceria em? (risos) (...)”

PJ: “mulher ainda é o eixo do lar né, ela vai cuidar do marido, ele também vai cuidar dela né, (...), não acho que o homem tem que ficar proibindo a mulher de nada não mas, a mulher também tem que se dar o valor (...). Eu entendi que o gênero é algo que a gente aprende e ensina né, mas tem coisas que acho que a mulher tem que fazer, e tem coisas que o homem, (...) isso de homem maltratar mulher igual a gente vê não tá certo né (...). Tem coisa que não concordo não mas, como você veio discutindo com a gente, tem muitos tipos de valores né, e é isso que nossos alunos tem que entender (...).

Há uma clareza/esclarecimento que vai construindo sentido para pensar sexualidade na escola. Mais especificamente, (re)pensar as relações de gênero, a partir do reconhecimento

legal que traz legitimidade para que esse processo ocorra. É a partir disso, que se observa que ambos os professores concordam que seria bom, importante, necessário, que este espaço fosse construído no ambiente escolar, no sentido pedagógico. No entanto, ficam claramente representadas aqui, as relações hierarquizadas e de poder, no ambiente da escola. Ao trazerem em suas falas a reprovação antecipada da gestão e do corpo docente que a compõe, o possível embargo de uma proposta política pedagógica voltada a problematizar as relações de gênero, se evidencia o forte poder da estrutura representacional para socialmente normatizar e domesticar corpos.

Há uma análise importante a ser considerada aqui, em uma das falas do professor J., que traz uma crítica ao silenciamento curricular para com a sexualidade, desde sua formação inicial. O referido professor alerta que o corpo docente também precisa ser orientado. Esta é uma percepção importante para compreender um dos pontos de atravancamento e estancamento desses conteúdos na escola, (SANTOS, 2012).

6. DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo fundamental a compreensão de como se dão as representações sociais no contexto escolar no que concernem as relações de gênero, tanto na visão de docentes quanto de alunos.

As representações sociais se entranham pelas mais diversas questões como, por exemplo, nas questões de gênero. Por isso, é necessário, mais que nunca, se (re)pensar as relações de gênero, principalmente no ambiente escolar, que é um espaço legítimo de formação e humanização através de conhecimentos reunidos historicamente pelos homens, considerando o papel de importância existente na figura do professor. O docente necessita estar sempre em formação, pois é nas e pelas relações humanas permeadas pelas representações sociais que o indivíduo apropria-se de códigos, símbolos, signos, valores e ideologias, que constroem o ser humano em sua linguagem, símbolos, rituais, religião, valores, moralidade, ação sobre a natureza, pensamento etc. (GATTI, 2009).

Não obstante, existirem novas exigências curriculares voltadas a destacar o papel de promover cidadania, ética, democracia, respeito, e empatia no ambiente escolar, contribuindo dessa forma para a construção e consolidação dos Direitos Humanos nas e para as relações escolares, se faz urgente então, uma educação voltada a questionar as representações sociais que constituem os papéis de gênero e as relações estabelecidas social, cultural, política, histórica e economicamente entre homens e mulheres, (SILVA, 2012).

O corpo, que mais que um organismo biológico, é dotado de sentido e significados construídos ao longo do tempo, reformulados, repensados, e é nesse tempo-espaço, onde se inserem as pedagogias, que se formam os sujeitos sociais, dotados por sua vez de suas próprias representações do homem e do mundo, (RESENDE, 2011). Representações constituídas socialmente para reforçar, manter, ou criar poderes de determinados grupos específicos.

Concluindo tal fato, a história dos significados atribuídos aos corpos de homens e mulheres, a seus comportamentos e sentimentos, podem ser atribuídos de novas representações, consonantes com a perspectiva de diminuir/eliminar, a médio e longo prazo, as desigualdades, produzidas e justificadas através de diferenças. E, conseqüentemente, a escola tem um compromisso que está para além dos livros, que é um compromisso social voltado ao bem comum, contribuindo para que a violência baseada no gênero possa esvaecer (BELOTTI, 1985; RESENDE, 2011).

Todas as falas analisadas em linha de base e pós-intervenção, demonstram que há um longo caminho a ser percorrido para que se ganhe um espaço legítimo no ambiente escolar analisado, para problematizar e pensar sobre sexualidade. Ainda que, existam documentos normativos que preveem esta possibilidade de trabalho na educação, há inúmeras barreiras de gestão dentro da escola, pois a mesma, não está sensibilizada para a urgência do tema e tampouco para o espaço legítimo que a escola representa para se vivenciar a diversidade e promovê-la de maneira ética e respeitosa para com todos os diversos valores e sentidos atribuídos aos corpos, aos gêneros e a sexualidade de forma geral.

A escola educa os indivíduos não somente através dos conteúdos, mas nela está inserida a lógica de um discurso que forma cidadãos com determinados valores, princípios e compreensão acerca da realidade (GATTI, 2009). Por isso, os estudos das representações sociais são tão importantes, dentro desse universo escolar.

Aprender a ler e escrever não são, hoje, considerados suficientes no que diz respeito as possibilidades da escola. Entretanto, ela precisa ensinar também valores éticos, cidadania, ou seja, a escola tem o papel de humanizar os alunos, num exercício constante de reflexão sobre as relações que nela ocorrem, não as compreendendo somente como palco dessas relações, mas, como ambiente com determinadas condições que as produzem (MIZUKAMI, 2002).

Resende (2012) explica que:

A construção de corpos masculinos e femininos perpassa, portanto, a escola. Isso demonstra que, professores, gestores e toda população deste local estão envolvidos com um processo constante de produção/reprodução de identidades. Identidades instáveis, corpos que escapam da norma e que, por isso, necessitam ser incessantemente afirmados em seus respectivos espaços, (p.70).

Reitera-se assim, o papel fundamental que o processo educacional tem na promoção de discussões a respeito das representações de gênero, bem como promover uma cultura de respeito mútuo pelas diferenças.

É possível notar, de forma geral, que as representações do que se entende por mulher - evocadas através das falas de professores e alunos - apontam para uma identidade feminina delimitada à fragilidade ou vulgaridade, de acordo com os comportamentos, ou seja, se eles fogem da regra das representações sociais masculinas (RESENDE, 2012, LOURO, 1997).

Promover alguns encontros interventivos para realizar trocas com estes professores foi fundamental para que minimamente se somassem a seus conhecimentos e construções prévias

novas informações e jeitos de olhar para as possibilidades de trabalhar a orientação sexual na escola, bem como, de estar em um espaço onde puderam ouvir definições de gênero trazidas pelo PCN, não obstante, isso ter ocorrido em um micro universo.

Não foi possível, claro, desconstruir grande parte das concepções dos professores participantes. Para tanto, é preciso considerar inúmeros fatores, incluindo a história que cada qual carrega na construção de seus posicionamentos. Somado a isso, existe no ambiente escolar uma hierarquia de poder bastante demarcada, bem como, uma contraposição dos colegas de trabalho no que diz respeito a pensar estas relações e problematizá-las junto aos alunos.

A história dessa gestão e desse corpo docente é marcada fortemente pelos vínculos religiosos, onde há uma doutrina que regula e media muitas das construções das representações de homem e mundo. Apesar, desde quadro bastante cristalizado, houve alguma mudança positiva, onde pode se estabelecer um amparo legal aos professores para tratar de sexualidade com seus alunos e para além disso, possibilitar a compreensão acerca da importância de promover estes espaços pedagógicos.

Para concluir recorro a John Stuart Mill (2006); “[...]o princípio que regula as relações sociais existentes entre os sexos – a subordinação legal de um sexo a outro – está errado em si mesmo, e, portanto, é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento humano [...]” (p.15).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações de gênero através do discurso de alunos e professores traz a possibilidade de repensar ou mesmo replanejar os espaços pedagógicos. Traz de maneira intencional, para o espaço escolar, a orientação sexual, e mais especificamente a problematização das relações entre meninos e meninas e suas representações sociais sobre esses papéis, questionando o que pode vir a ser um “homem” e uma “mulher”. No entanto, foi possível compreender que a forma como se dão as relações entre aluno-professor, professor-professor e professor-gestão, coloca grande impedimentos para que a escola promova estes espaços, atendendo as políticas educacionais. Políticas preocupadas em formar de maneira democrática e humanizadora os futuros cidadãos de um país.

Este trabalho teve como foco as representações das relações de gênero na escola, no entanto, se estende a compreensão da necessidade de repensar a formação inicial e em serviço de professores, uma vez que, o trabalho docente é uma formação contínua, um processo que se dá ao longo da carreira do professor. Nele se entende um processo constante, um movimento entre suas práticas e suas reflexões fundamentadas pelo estudo das teorias, normativas e vivências no ambiente escolar. Nesse sentido, penso que tivemos os objetivos iniciais concretizados.

Conclui-se que é necessário que ocorra um processo de formação continuada destes professores, para que os mesmos possam *a priori*, desconstruam/construam novos saberes pedagógicos acerca da sexualidade e das relações de gênero; para que possam ser sensibilizados, não somente enquanto corpo docente, mas, toda a equipe de gestão e todos os agentes escolares, pois, as relações de gênero estão em toda parte, em todos os ambientes e em todas as relações que vão sendo estabelecidas na escola.

Não é possível, por sua vez, o ensino-aprendizagem apenas para orientar de forma burocrática. O professor precisa também ser tocado por mudanças em seus posicionamentos e na compreensão ética da variabilidade de possibilidades intermináveis de experiências que os corpos podem produzir, pois tem papel de ensinar aos alunos este mesmo respeito, através principalmente no questionamento aos modelos, pois esses se reproduzem na construção dos mesmos, ajudando-os no desenvolvimento de sua autonomia.

Essa investigação abriu possibilidades de ampliação quanto ao tema de meu interesse para trabalhos futuros é possível pesquisar quais as representações de gênero da gestão escola? Quais os espaços promovedores de diversidade na escola? Qual a representação que as

meninas têm de si mesmas, e como esta visão está ligada construções no ambiente escolar?

Assim como a própria profissão docente é inacabada e necessita de constante formação, as possibilidades de pesquisa sobre um tema cria novos espaços simbólicos para transformações.

REFERENCIAS:

100 escovadas antes de dormir. Direção: Luca Guadagnino – Espanha/Itália, 1.56 min, 2006. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=tM2zz2sV5uc>> Acessado em 02 de set. de 2015.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais de gênero. *Cadernos de pesquisa*, n. 117, p.127-147, 2002. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acessado em 18 ago. 2015

BELOTTI, E. G. Educar para a submissão: o descondicional da mulher. 5 ed. Petrópolis: Vozes, p.163, 1985.

BRASIL. *Violência contra a mulher*. Ministério da Saúde. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/sobre/saude/saude-da-mulher/violencia-contra-a-mulher>>. Acessado em: 25 ago. 2014.

_____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. 3 ed. – Brasília: A Secretaria, p. 15-164

CARLOTO, C. M. *O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais*. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 3, p. 201-214, 2002.

CHAUÍ, M.; KEHL, M.R.; BRUSCHINI, M.C.A.B. *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?* Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº36, p.99-100, 1980. Disponível em: < http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741981000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em: 05 abr. 2014.

CONFIAR. Direção: David Schwimmer. Estados Unidos. 1.43 min, 2010. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=mTXLjgp_BU> Acessado em 02 de set. de 2015.

CORDAZZO, S.T.D ; VIEIRA, M. L. *Caracterização de Brincadeiras de Crianças em Idade Escolar*. Psicologia. Reflexão e Crítica, cidade, v. 21, p. 365-373, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a04.pdf>>.Acessado em: 25 de jul. 2014.

GARRINI, S. P.F. *Do Corpo Desmedido ao Corpo Ultramedido: Reflexões sobre o Corpo Feminino e suas Significações na Mídia Impressa*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/Do%20Corpo%20Desmedido%20ao%20Corpo%20Ultramedido..pdf>> Acessado em: 15 de out. 2014

GATTI, B.A. Formação de Professores: condições e problemas atuais. *Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP*, 2009, v.1, n.1, p.90-120. Disponível em < <http://www.facec.edu.br/seer/index.php/formacaodeprofessores/article/viewFile/20/65>> acessado em 03/04/2015.

ERA UMA VEZ OUTRA MARIA. Direção: Reginaldo Bianco, Promundo – Brasil, 20 min., 2012. Disponível em <<http://promundo.org.br/recursos/era-uma-vez-outra-maria/>> Acessado em 05 de mar. de 2015.

FURLAN, S. A. E. H. *Sexualidade, Educação e Formação de Educadores: Contextos, Atitudes e Possibilidades*. In: EDUCASUL, 2006, Florianópolis. Pensando a Infância de 0 a 10 anos: a organização pedagógica e as múltiplas linguagens, 2006. p. 48-49.

KODATO, S.; PEREIRA, H.M.G; BORIN, T.B; WATARAI, F. Violência de Gênero: representações e práticas sociais de mulheres brasileiras vitimizadas. *Clínica e Instituição (UFU)*, v. 5, p. 5-24, 2010. Disponível em < http://sites.ffclrp.usp.br/observatorioviolencia/Pesquisa/Site_Artigo_3.html> Acessado em 13 de set. de 2015.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. A emergência do gênero. Petrópolis, RJ, Petrópolis – Vozes, cap.1. p.14-36, 1997.

MAIA, A.C.B. *Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência*. Revista Brasileira de Educação Especial, cidade, v.7, n.1, p. X-X, 2001. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382001000100004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em: 19 de mai. 2014.

MAIA, A.C.B; RIBEIRO, P.R.M. *Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências*. Revista Brasileira de Educação Especial, v.16, nº2. Disponível em < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=560689&indexSearch=ID>> Acessado em: 19 de mai. 2014.

MILL, S. *A sujeição das mulheres*. Ed. Escala, Tradução Debóra Ginza – São Paulo, p.9-140, 2006.

MIZUKAMI, M.G.N. Formação de Professores: Concepções e Problemática Atual. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação* – São Carlos: EdUfscar, p. 7-203, 2002.

NOVAES, J.V. *História do corpo no Brasil*. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. Org. Mary Del Priore; Marcia Amantino – São Paulo: Editora Unesp, p. 477-508, 2011.

OLIVEIRA, A.J.M. Corpo e Santidade na América Portuguesa. *História do Corpo no Brasil*. Mary Del Priori, Marcia Amantino (orgs.) – São Paulo: Unesp, 2011.

PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. Escrever a história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-36. (Tradução de Ângela M. S. Côrrea do original *Mon histoire des femmes*. Paris: Éditions du Seuil/France Culture, 2006).

PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. O corpo. São Paulo: Contexto, 2007. p. 41-76. (Tradução de Ângela M. S. Côrrea do original *Mon histoire des femmes*. Paris: Éditions du Seuil/France Culture, 2006).

RESENDE, M.S. Olhares sobre os corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola. *Motrovivência*, ano XXIII, n.37, p.69-82, 2011. Disponível em <<file:///C:/Users/CIDAA/Downloads/24451-79727-1-PB.pdf>> Acessado em 25 de jul. de 2015.

SAITO, M.I; LEAL, M.M. *Educação sexual na escola*. Revista de Pediatria, cidade, v. , n. , p. 44-48, 2000. Disponível em: <<http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf>>. Acessado em: 25 jan. 2014.

SANTOS, S.P. Concepções de gênero de futuros/as professores/as de ciências e biologia a partir do vídeo Boneca na Mochila. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – Unicamp – Campinas/SP, p.1-12, 2012. Disponível em <http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1414p.pdf> Acessado em: 10 de ago. de 2015.

SCRUFF, R.D. *Skinner Café Blog*. Disponível em <<http://skinnercafeufgd.blogspot.com.br/2011/12/toda-verdade-sobre-industria-da.html>> Acessado em 22 de set. de 2015.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Revista Anos 90*. Porto Alegre, n° 13, julho de 2000.

SILVA, T. T. (Org.). A produção social da identidade e da diferença. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Cap. 2, ed.1, Petrópolis: Vozes, 2000. v. 1, 133 p.

SILVA, Juremir Machado. *S tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIDA MARIA. Direção: Joelma Ramos e Márcio Ramos – Brasil, 9. Min, 2006. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Bs87_NQTM0M> Acessado em 15 de fev. de 2015.

WHITAKER, D. *Mulher e Homem: O mito da desigualdade*. 5 ed. São Paulo: Polêmica, 1988. 96 p.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F () M

Idade: _____

Escolaridade: () 1º () 2º () 3º

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as identidade imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Turiuba, _____ de _____ de _____

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Dr^a. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F (X) M

Idade: 25

Escolaridade: () 1º () 2º (X) 3º

Educador: Professor (a) (X) Diretor (a) () Pedagogo () () Outro: _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Guilherme Machado Souza Rodrigues, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Turiuba, 03 de Setembro de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F M

Idade: 27 anos

Escolaridade: () 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) Diretor (a) () Pedagogo () () Outro: _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Thiago Gonçalves da Lameira, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Turiuba, 03 de Setembro de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F M

Idade: 16

Escolaridade: 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Lígia M. Gonçalves, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: 

Assinatura do pesquisador: 

Turiuba, 10 de agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F M

Idade: 16

Escolaridade: 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, marcos antonio gouvea dos santos, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: magd

Assinatura do pesquisador: Ana Flávia Gouvea de Souza

Turiuba, 10 de Agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Gouvea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F M

Idade: 15

Escolaridade: 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, PELMO HENRIQUE, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: PELMO H.

Assinatura do pesquisador: ANA FLÁVIA GOVEA DE SOUZA

Turiuba, 10 de 08 de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: (X) F () M

Idade: 36

Escolaridade: (X) 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Dunja Aparecida da Silva Dias, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: Dunja Aparecida da Silva Dias

Assinatura do pesquisador: Ana Flávia Govea de Souza

Turiuba, 10/08/15 de Agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: F () M

Idade: 14

Escolaridade: 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ingrid Louisa F. Milanes, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: Ingrid Louisa F. Milanes

Assinatura do pesquisador: Ana Flávia Govea de Souza

Turiuba, 20 de agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anafaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: () F M

Idade: 16 anos

Escolaridade: () 1º 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Daule Capelari Junior, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: Daule

Assinatura do pesquisador: Ana Flávia Govea de Souza

Turiuba, 10 de Agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sexo: (X) F () M

Idade: 14

Escolaridade: (X) 1º () 2º () 3º

Educador: Professor (a) () Diretor (a) () Pedagogo (a) () Outro () _____

Prezado participante,

Estou realizando um trabalho de monografia para conclusão da Pós-Graduação em Direitos Humanos em e para a Educação no Contexto da Diversidade Cultural, pela UNB – Universidade de Brasília, com o objetivo de investigar como se dão as relações de gênero no contexto escolar. Sendo assim, solicito a sua colaboração em participar do estudo, permitindo-se ser gravado em áudio e vídeo (onde as imagens dos rostos serão preservadas). O conteúdo não será revelado a ninguém, sendo as respostas utilizadas apenas para fins de pesquisa.

Este estudo não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como será preservado o anonimato de seus participantes. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar.

Desde já contamos com a sua colaboração e agradecemos a sua atenção.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Debera Egata Javans, após ter lido e compreendido todas as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas sobre este estudo com a pesquisadora responsável, aceito participar deste estudo de maneira inteiramente voluntária e livre, a qualquer momento podendo desistir, sem nenhum prejuízo a instituição.

Assinatura do participante: Debera Egata Javans

Assinatura do pesquisador: Ana Flávia Govea de Souza

Turiuba, 08 de Agosto de 2015

Contatos

Pesquisadora responsável: Ana Flávia Govea de Souza

Endereço educacional: UNB – Universidade de Brasília

E-mail: anaflaviagovea@gmail.com

Telefone: (18) 97950587

Orientadora: Prof. Drª. Sainy Coelho Borges Veloso

Endereço Profissional: UFG – Universidade Federal de Goiás

E-mail: sainyveloso@yahoo.com.br

ANEXO II

ROTEIRO SITUACIONAL

Situação problema: Uma menina passeava pela pracinha do centro de sua cidade com uma de saia bem curta e mini blusa, de forma sensual. Ao voltar pra casa, numa rua mais escura e afastada, foi abordada por dois garotos. Eles tentaram tocá-la, e lhe disseram cantaram ela dizendo que “era muito bonita e gostosa”. Como ela não deu moral para os garotos, eles começaram a dizer a ela palavras obscenas. Apavorada, a menina gritou por socorro, tentando chamar a atenção de alguém que estivesse por perto. Mas os meninos insistiram afirmando que sua forma de vestir era um convite àquela situação. O que vocês pensam dessa situação?

Situação problema 2: Imaginem que uma menina, que tem por volta de 11 ou 12 anos de idade, envia um vídeo nua para um garoto mais velho, de uns 17 anos. Esse vídeo se espalha pela escola e chega ao seu celular. O que você faz?

Situação problema 3: Está acontecendo uma festa na cidade, um rodeio. E nela têm muitas pessoas de outros municípios vizinhos. Você vai para a festa e percebe que uma das meninas da escola está beijando várias pessoas diferentes durante a noite. O que acha disso e o que fará?

Situação problema 4: Você vê um grupo de meninos assistindo a vídeos pornográficos. O que você pensa e faz?

Situação problema 5: Você está numa festa típica da sua cidade, e então uma menina fica afim de você e resolve chegar perto e pedir pra ficar com você na festa. O que você acha disso?

Situação problema 6: Você está super afim de um cara, ao conhece-lo melhor percebe que ele gosta de: cozinhar, faz as sobancelhas as unhas, gosta de dançar, etc. Continuará interessada nele? O que você pensaria?

Ou quando você conhece uma menina que gosta de: luta, de motocross, videogame, quadrinhos, etc. Continuará interessado nela? O que você pensaria?

Situação problema 7: Uma garota tem sua primeira experiência sexual com seu namorado. Ele, sem ela saber, filma os dois tendo relação sexual e põe na internet, no dia seguinte. O que você pensa sobre isso?

ANEXO III

Sinopse do curta – Era uma vez outra Maria

Vídeo educativo de 20 minutos que apresenta experiências comuns a mulheres jovens e aborda assuntos como saúde sexual e reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho. Pode ser usado com mulheres e homens jovens e profissionais de saúde e educação que buscam novas formas para discutir a saúde e autonomia de mulheres jovens.

Menina não joga futebol! Brinca de casinha e boneca. Menina não senta de perna aberta! Uma boa menina aprende a arrumar a cozinha. Será que as meninas só podem ser assim? Este vídeo apresenta a história de Maria, uma menina como muitas outras, que começa a questionar as expectativas de como ela deve ou não deve ser. De lembranças da infância a sonhos para o futuro, faz-se uma reflexão sobre como as meninas são criadas e como isso influencia seus desejos, comportamentos e atitudes. (<http://promundo.org.br/recursos/era-uma-vez-outra-maria/>)

ANEXO IV

Sinopse do curta – Vida Maria

Acompanhamos Maria durante seu trabalho no sítio onde vive. Vai dos 5 aos 45 anos e passa todo seu estilo de viver para sua filha Lourdes. O filme mostra ciclos de vida pelos quais muitas vezes vivemos.

ANEXO V

Situação problema 1: Uma menina passeava pela pracinha do centro de sua cidade com uma de saia bem curta e mini blusa, de forma sensual. Ao voltar pra casa, numa rua mais escura e afastada, foi abordada por dois garotos. Eles tentaram tocá-la, e lhe disseram cantaram ela dizendo que “era muito bonita e gostosa”. Como ela não deu moral para os garotos, eles começaram a dizer a ela palavras obscenas. Apavorada, a menina gritou por socorro, tentando chamar a atenção de alguém que estivesse por perto. Mas os meninos insistiram afirmando que sua forma de vestir era um convite àquela situação. O que vocês pensam dessa situação?

Estudantes:

EP: “Ah, cada um veste como quiser né...Não pode fazer isso com uma menina por causa da roupa dela!”

EAL: “Eu acho que os meninos tão errados nessa situação, não é porque a menina ta de roupa curta que ela quer isso ai né?!”

EI: “Eu concordo, acho que esses meninos ai tão errados!”

ET: “Eu também acho que os menino tão errado, mas a menina também precisa prestar a atenção no que veste por as vezes o cara ve ela de um jeito vulgar ne!”

ES: “Ué, mas não pode julgar a menina pela roupa que ela ta vestindo!”

Professores:

PT: “Primeiramente acredito que ela deva procurar uma delegacia pra abir um boletim de ocorrência, porque enfim, o tamanho da roupa que ela usa não é necessariamente um convite pro sexo né, Isso não dá o direito a ninguém!”

PJ: “Penso que a menina fez bem em não dar moral, mas deve mudar suas vestes, para não chamar muito a atenção. Por ser nova e bonita deve se comportar decentemente e evitar andar sozinha em ruas escuras pra evitar esse tipo de assédio”

De maneira geral, grande parte dos alunos, não vê nas roupas da garota, uma justificativa para que a mesma tenha sido atacada, defendendo que cada uma se veste como desejar,

Situação problema 2: Imaginem que uma menina, que tem por volta de 11 ou 12 anos de idade, envia um vídeo nua para um garoto mais velho, de uns 17 anos. Esse vídeo se espalha pela escola e chega ao seu celular. O que você faz?

Estudantes:

ET: “Poutz, aconteceu isso aqui ano passado! (risos)”

EP: “Já aconteceu isso aqui na escola, e quiseram jogar toda culpa no muleque, como se ela tem 11 anos, num sei quê. Como se não fosse culpa dela, eu acho que a pessoa mandou por que quis. Uma menina de 12 anos já sabe muito bem o que faz!”

ES: “Eu acho falta de respeito com a pessoa que mandou o vídeo né, mas ela também tinha que saber que não devia fazer isso...”

EI: “Ai sei lá, ela tinha que pensar que isso vai denegri a imagem dela né, mas ela pode até abrir um boletim de ocorrência contra a pessoa que espalhou né?!”

ES: “Mas assim, a pessoa né, eu também não ia querer que compartilhassem um vídeo desse de mim, mesmo que eu tivesse mandado pra uma pessoa”

EP: (resposta) “Ah mas vai espalha, não tem como! A pessoa que faz o vídeo que tem que ter consciência!”

Professores:

PT: “Em se tratando de ser uma aluna e menor de idade, eu apago, e também aconselharia a criança junto aos pais procurarem o órgão competente para punir esse menino”

PJ: “Ela deve ter mandado o vídeo de inocente pro seu namoradinho, confiando que ele ia apagar ou coisa assim. Nessa situação o melhor a fazer é conversar com a menina e explicar que coisas de intimidade não se manda em celular (...)”

Situação problema 3: Está acontecendo uma festa na cidade, um rodeio. E nela têm muitas pessoas de outros municípios vizinhos. Você vai para a festa e percebe que uma das meninas da escola está beijando várias pessoas diferentes durante a noite. O que acha disso e o que fará?

Estudantes:

EI: “Bom, eu não faria nada, se ela quer pagar de rodada o problema é dela!”

EP: “Se for bonita entro na fila!”

ES: “Ah uma menina que faz isso não tá em sã consciência não né (risos). Gosta da coisa errada né (risos novamente)”

ET: “Fica feio pra menina né, mas ela que de foda, tenho nada com a vida dela, mas que fica feito fica!”

EM: “Ahhh, so observo, quer pagar de puta bom pra nois né (risos)!”

Docentes:

PT: “Eu não vejo problema dessa menina ta beijando vários meninos numa festa, numa balada, desde o momento em que ela se comporte, se dê ao respeito, no sentido de que está em outro lugar, que tá em lugar publico. É isso, beijar ok, mas com responsabilidade. E eu chegaria nela e daria uns toques: Oh cuidado!”

PJ: “Acho que ela ta fazendo errado, pois desse jeito está perdendo o respeito em sociedade. Eu como professor dela não faria nada na festa, mas no dia seguinte chamaria ela pra conversar e falar que isso não é certo por ela ser uma mulher (...)”

Situação problema 4: Você vê um grupo de meninos assistindo a vídeos pornográficos. O que você pensa e faz?

Estudantes:

EP: “Ah normal, vou assistir junto ué!”

ES: “Menino ver isso é normal, eu nem ia estranhar não!”

ET: “(risos) ahhh, ia sentar com eles também, faz parte o homem gostar dessas coisas né.”

- Entrevistadora: “E se fosse um grupo de meninas?”

EI: “Ahhh não é normal né, isso fica feio pras meninas fazerem, depois fica tudo mal falada, eu num gosto!”

EAL: “Ai eu também não acho normal menina gosta de vídeo pornográfico, os meninos a gente já sabe que gostam, que vão ver essas putaria, normal né, mas pra menina não, é esquisito!”

EP: “Ixi! Já ia pensa: Essa é safadinha em...(risos)”

ES: “Ah, acho até que as meninas podem ver mas, não é o mais normal da gente ver né, é gosto mais de homem, mas também se eu ver as meninas assistindo tudo bem, cada um, cada

um”

Professores:

PT: “Independente de serem meninos ou meninas, eles precisam ser orientados que não são conteúdo apropriados para a idade deles”

PJ: “Grupo de meninos acho que deve explicar. Pois tanto meninas quanto meninos passam por transformações hormonal que depende de cada faixa etária (...). Acabam que meninos e meninas acham tudo novidade mas eles tem que saber que tipos de vídeos pornográficos não são a melhor forma de reconhecer as mudanças do corpo.”

Situação problema 5: Você está numa festa típica da sua cidade, e então uma menina fica afim de você e resolve chegar perto e pedir pra ficar com você na festa. O que você acha disso?

Estudantes:

EP: “Ué, pode chegar, acho normal. Hoje em dia muita menina chega nos meninos, é festa, tudo pode, o que vale é beijar na boca!”

EA.: “Ai acho feio, ridículo! Nunca cheguei nem vou chegar num menino!”

EI: “Também acho estranho, é meio que pagar de fácil sabe?!”

ES: “Acho nada demais, se ela ta afim de mim, não vejo mal na menina chegar no menino não!”

ET: “Ahhh rapaiz, sei lá, acho que é coisa de menina putinha sabe, mas pra gente é bom né?! (risos)”

EL: “Hoje em dia tem muitas meninas que fazem isso né, vi uma reportagem que falava que as mulheres tão piores que os homens, atacando muito mais, eu acho feio, eu nunca faria isso!”

Professores:

PT: “Eu acho super bonito as garotas me acharem bonito (risos). E é isso, se a menina tem vontade de fica com o menino, chega. Tem vontade chega!”

PJ: “Acho que hoje em dia as meninas estão muito “avançadas” no meio dos “homens”, penso que meninas que chegam em meninos pra mulher hoje em dia é muito comum ver isso, pros meninos é relativo pois muitos deles acaba se achando o melhor e fala que as mulheres se torna fácil. Mas cada um tem um pensamento diferente, uns acham normal hoje em dia, outros acham feio uma mulher chegar em um homem. Mas essa menina pode conversar com

ela e falar pra ela ter calma que não precisa ela correr atrás de menino se ele estiver afim dela e querer levar ela a serio ele vai aproximar dela e conversar com ela.”

Situação problema 6: Você está super afim de um cara, ao conhece-lo melhor percebe que ele gosta de: cozinhar, faz as sobrancelhas as unhas, gosta de dançar, etc. Continuará interessada nele? O que você pensaria?

Ou quando você conhece uma menina que gosta de: luta, de motocross, videogame, quadrinhos, etc. Continuará interessado nela? O que você pensaria?

Estudantes:

EP: “Eu casava com essa menina! (risos)”

EL: “Ah normal, eu ia achar legal!”

EP: “Ah acho que fica melhor né, quiném, antes o homem gostava de futebol e mulher de novela, ai já brigava”

EI: “Eu não vejo nada de mal do menino ou da menina ter esses gostos ai...”

EM: “Ah eu também não ligo, mas a menina não pode deixar de ser feminina né, se não fica esquisito”

ET: “É verdade isso ae, pode gostar do que eu gosto mas, não pode agir igual homem né, falar igual homem, é feio!”

Professores:

PT: “(risos) Ah eu acho ótimo uma menina namora um cara que tira a sobrancelha e um menino namora uma menina que curte motocross. Acho legal, não vejo problema nenhum”

PJ: “Penso que ambos podem fazer coisas opostas não quer dizer que tanto um como outro não pode ter um relacionamento como outro qualquer.”

Situação problema 7: Uma garota tem sua primeira experiência sexual com seu namorado. Ele, sem ela saber, filma os dois tendo relação sexual e põe na internet, no dia seguinte. O que você pensa sobre isso?

Estudantes:

ES: “É antiniético isso ai, é falta de respeito...sem a concepção da pessoa é falta de respeito, se tem concepção de todos os lados, é opção deles né.”

EI: “É uma falta de respeito né, porque você confio na pessoa né. Vai denegri a imagem da pessoa né”

EL: “Mas, também vai ficar feio pra ele né, porque ninguém mais vai querer ficar. Nem fica tanto feio pra menina”

EA.L: “Não, discordo, fica feio pra menina”

ET: “É fica difamada né.”

EA.L: “Fica mais pesado pro lado da menina. A menina fica com muito meninos, ela é a puta, o menino fica ele é o pegador!”

EI: “E essa situação nunca vai ser diferente, acho que num muda!”

ES: “É antiniético isso ai, é falta de respeito...sem a concepção da pessoa é falta de respeito, se tem concepção de todos os lados, é opção deles né.”

EI: “É uma falta de respeito né, porque você confio na pessoa né. Vai denegri a imagem da pessoa né”

EL: “Mas, também vai ficar feio pra ele né, porque ninguém mais vai querer ficar. Nem fica tanto feio pra menina”

EA.L: “Não, discordo, fica feio pra menina”

ET: “É fica difamada né.”

EA.L: “Fica mais pesado pro lado da menina. A menina fica ela é a puta, o menino fica ele é o pegador!”

EI: “E essa situação nunca vai ser diferente, acho que num muda!”

Professores:

PT: “Ahn, se ele filmou sem o consentimento dela, ele precisa ser punido, e se ele tivesse filmado com o consentimento dela e espalhado ele também deveria ser punido.

PJ: “Penso que é uma situação muito chata, pois muito pior ela se “entregar” a ele e ele expor o corpo dela sem ela saber. Acho que este tipo de situação esta acontecendo muito frequentemente de modo que, mulheres e homens perderam o respeito um pelo outro (...)”

1º Encontro:

Ambos educadores foram questionados sobre suas opiniões a respeito dos curtas exibidos:

PT: “Então, eu vejo assim, que esse segundo aí, mostra bem como a menina tem muitas imposições né?! Essa coisa da mãe dela exigir que ela lave a louça mas o irmão não, e o mais gritante é com certeza a masturbação né, porque a gente não vê as meninas levarem isso como uma prática comum, parece o fim do mundo uma menina fazer isso né?!”

PJ: “Eu não concordo muito não T., acho que as meninas tão muito avançadinha hoje por culpa desse excesso de liberdade, o homem é mais brutão mesmo, o pai precisa ensinar essas coisas de homem pro filho, se não ele vira um bocó, se não virar coisa pior né?”

PT e PJ tem a representação dos comportamentos para meninas e meninos, bastante distintas, o primeiro demonstrou, desde a linha de base, uma crítica maior no que concerne a repensar os papéis de gênero estabelecidos social e culturalmente ao longo da história e que, tem influência direta sob comportamentos de meninas e meninos no ambiente escolar.

PJ foi questionando então, sobre o termo “avançadinha”, o que isso significava para ele?

PJ: “Isso de menina transar sem ter algo sério e com um tempo já, igual ela no vídeo né, quer ver futebol, vai em festa e fica bebendo, se masturba isso é feio pra uma menina, ela vai perder o respeito!”

PJ é questionando sobre o fato de que os homens tem direito social a ter tais comportamentos, e então, por que ele pensava que o mesmo era errado para a conduta feminina?

PJ: “É cê tem bem razão, os homens fazem sim, mas sei lá né, a criação da gente foi diferente, se eu fala pra você que não acho esquisito uma mulher agir assim, igual homem, to mentindo (...)”

PT: “Coisa pior, acho que ele quer dizer bicha né? Olha, eu quero deixar claro que odeio essa palavra, mas eu acho assim, que deixar uma menina jogar futebol como ela queria, ou ver com o pai e o irmão, ou deixar esse irmão lavar louça com a mãezinha, não vai tornar ele gay ou ela, isso é uma outra história, eu como educador vejo sim que os meninos são muito machistas com as meninas e enfim, elas também são, mas eu acho sabe, que isso tem que

mudar, sei lá, já era essa coisa de mulher num pode isso, homem num pode aquilo (...). No primeiro curta lá que você mostrou, a Maria não tem chances de nada né, o destino dela é o mesmo da mãe, e ela vai também perpetuando a mesma coisa, é triste de ver assim, sabe?!”

PJ: “Ué T. e você quer por acaso que tudo mundo seja feminista agora?! Ah, essa história de mulher mandar em tudo não vira, não quero mulher mandando em mim não em T. (risos)”

Foi esclarecido que, o feminismo não pressupõe o mando ou a imposição de um sob o outro, isso é o machismo que faz, quando estabelece que homens tem que agir de uma determinada maneira e mulheres de outra. O feminismo está para a liberdade e respeito mútuo. Bem como, foi problematizado junto a eles, o que significava o lápis no curta “Era uma vez outra Maria”?

PJ: “Oh, eu entendi assim, que quando ela desobedecia o que a mãe ensinou, o lapizim corrigia ele né? Ela queria senta lá tudo de perna aberta no parquinho né, daí o lápis corrigia ela...Essas coisas”.

PT: “O lápis não era errado? Porque eu entendi assim, que o aquele lápis era o controle, tipo a imposição da sociedade num é? E ela tava ali, tentando sempre pintar de outro jeito, do o jeito que ela queria e o maldito lápis não deixava né?!”

Problematizou-se que o lápis é a representação social dos comportamentos que o imaginário coletivo descreve como típicos ou adequados as meninas e mulheres, Maria, estava sempre tentando protagonizar sua história através de suas vontades mas, as imposições sociais sempre a impediam, o lápis estava assim, representando estas imposições.

2º Encontro:

Este encontro objetivou problematizar a visão dos educadores a respeito de duas personagens com comportamentos distintos, mas, que tinham em comum histórias de abuso sexual. Foram exibidos recortes de cenas que pudessem enfatizar o comportamento de ambas

as meninas e o abuso. Após este momento, foi questionado junto aos professores qual dos filmes mostravam cenas de abuso sexual?

PJ: “Acho que só um né, aquele da menina com o cara que seduz ela pelo celular. Mas assim, estupro não achei sabe, mas claro, não é certo um homem daquela idade ir atrás de mocinha nova assim igual ela, mas ela também se deixou seduzir né, mentiu pros pais, mas a gente sabe que menor de 18 é bucha, que não pode né!”

PT: “Então pra mim só esse filme também que teve abuso, aquela outra mocinha do filme era muito vagabundinha, fiquei passado! Ela transava com todo mundo! Sei que ela era novinha, 15 anos no filme né? Mas olha, minha filha, parecia que ela sabia muito bem usar o corpinho dela! Já a outra não, a gente percebia que ela era uma menina assim, bobinha, que nunca namorou, o cara enganou ela fácil né!”

Foi problematizado que, os comportamentos das meninas é deveriam ser julgados ou, o comportamentos dos adultos que lidam com as mesmas? Pois, se há uma lei onde adultos tutelam menores de 18 anos é justamente pelo motivo de ter mais condições emocionais de orientar e cuidar. No entanto, ambos os professores, mostraram-se resistentes quanto ao comportamento de uma das personagens:

PJ: “Olha, eu sei disso, mas você viu como ela age com os homens? Ela que vai atrás!”

PT: “Ai, fico com peninha dela sabe, acho que a avó e principalmente a mãe, tinham que aconselhar ela melhor, pra ela se resguardar um pouco né?!”

Foi então, questionado se os adultos que transavam com esta menina não deveriam ter consciência e ética a respeito dos comportamentos dela? Se, ainda que ela se “oferecesse” para estar com eles, não seria papel dos mesmos de recusar entendendo que ela tinha apenas 15 anos?

PJ: “Ahhhhh mas, ai cê tá pedindo demais né? Homem, se tiver oportunidade vai mesmo né!”

PT: “É sei lá, até concordo mas, não dá pra esperar isso de homem, mas concordo que a gente como adulto deve saber melhor o que fazer sim.”

3º Encontro

Foram entregues cópias dos textos de partes do PCN que falam especificamente sobre a orientação sexual na escola, a postura da mesma e do educador e um texto falando especificamente das relações de gênero, retirado do mesmo documento. Os textos foram lidos coletivamente por PJ e PT.

- Texto: O papel da escola para a orientação sexual

PT: “Olha, eu confesso pra você que nunca tinha lido esse documento não, assim, a gente ouviu falar que tem esses apoios legais pra discutir sexualidade na escola, mas nunca tinha lido, achei bem legal, mas na prática a coisa é um pouco diferente, pelo menos aqui na nossa escola sabe. É difícil convencer a direção dessa necessidade, é mais difícil ainda conseguir explicar aos pais, até entenderem que fucim de porco não é tomada...Vishiiiiiiiiiiii, vai tempo! Mas eu sei né, que precisa fazer isso, falar com a mulecada”

PJ: “Eu também nunca tinha lido isso não, achei legal sim, essa menina tá precisando mesmo ser orientada, acho que a gente também né? Porque você vê só, eu por exemplo, sou formado em matemática, nunca na faculdade a gente viu qualquer coisa assim, ou parou pra pensar como que isso se aplicaria na escola, nas nossas aulas entende? Ai, cê chega numa escola como a nossa, cidadezinha pequena é tudo complicado né. Veja você, só nós dois acabamos aqui respondendo essa pesquisa tua, até a E. desistiu, é uma loucura sabe, eu gosto de participar, da sempre pra aprender algo! Mas é isso, ficou nós dois, e ai o povo ainda fala mal cê sabe né?”

- Texto: Postura do Educador:

PJ: “Então, aquele pedaço que fala que a gente passa nossos valores pros alunos, acho que

a gente passa mesmo, sem querer né, mas a gente faz o melhor que pode, dá o melhor conselho né...Mas isso aí que você trouxe é diferente né, fala que a gente precisa falar de tudo, de muitos valores né diferentes com eles né? Mas eu confesso pra você que não sei bem se eu saberia conduzir isso sabe, como eu falei, a gente na formação discute pouco ou nada disso, e aqui também a gente não fala sobre a sexualidade dessa meninada sabe, tem que falar, tem muita menina aí novinha engravidando também né?!

Questionou-se que, na verdade estes documentos não previam a educação e orientação sexual no sentido de impedimento, ou de coerção de comportamentos mas sim, de reconhecimento da variabilidade de comportamentos e jeitos, de valores e de modos de vivenciar o corpo, a sexualidade, etc.

PT: “Cara, eu sinceramente me sinto aliviado de ler esses documentos, e há claro coisas que penso mas, quando meus alunos me solicitam orientação sobre seus paqueras, sobre o que fazer diante de pressões de namoradinho pra transar, esses dilemas adolescentes sabe?! Eu respondo a tudo, tendo demonstrar apoio, orientar o melhor possível, e assim, eu sei que isso não deveria ser individual assim como faço, mas, pelo menos há um canal de confiança entre mim e meus alunos sabe, e como o J. disse, é muito difícil pensar em espaços para que possamos desenvolver algo nesse sentido, de pensar mesmo, de ser algo diretivo para pensar em várias coisas relacionadas a sexualidade, a gestão nunca permitiria cê entende?!”

- Texto: Relação escola-família

PT: “Olha vou te falar uma coisa, os pais nem vem as reuniões bimestrais, eles não se envolvem muito mas, se a gente falar de sexo com os filhos aí o bicho vai pegar...Mas eu entendi assim, pelo que lemos que os pais também precisam ser orientados, inclusive sobre esses documentos, você nos orientou sobre muitas coisas esses três encontros não é mesmo? Talvez a gente devesse realmente fazer isso com as famílias, mas, volto a dizer que não vejo saída com esta nossa gestão.

PJ: “É como o T disse agora mesmo, até a gente explicar que fucim de porco num é tomada

pras famílias vai tempo! E também acredito que a gestão nunca iria permitir que estes momentos pra gente discutir isso com os alunos acontecessem, eu sei lá em.”

- Texto: Relações de gênero

PT: Achei tão bacana este texto sabia?! Eu concordo que não deve haver exatamente limites pra comportamentos de homens e mulheres, não vejo mal algum em homens mais delicados e que cuidem da casa por exemplo, e mulheres que trabalhem fora, que não desejem ter filhos que namorem bastante etc... Acho mesmo que isso que ta faltando aqui, para os alunos tudo que as meninas fazem é ridículo, ou é vagabunda, puta, biscate, santinha, etc etc. Cheio desses rótulos sabe, e percebo assim, que as meninas aqui sempre acabam gostando de meninos que as maltratam, que as humilham, teve até uma que soltaram vídeo dela tadinha.

Eu ia gostar muito de poder desenvolver algum trabalho nesse sentido, a gente ate podia fazer uma parceria em? (risos). Mas, me sinto muito oprimido pela gestão e por meus colegas também, e é difícil quando a gente não tem apoio ou não vê por onde pode começar, mas acho assim, que um bom começo pra mim foi saber que tenho estes respaldo legais e que não estou equivocado ao pensar que a escola deveria discutir sexualidade.”

PJ: “Mulher hoje em dia faz muita coisa que antes não fazia, como trabalhar fora, isso é importante sim, mas, acho que a mulher ainda é o esteio do lar né, ela vai cuidar do marido, ele também vai cuidar dela né, mas do jeito que o homem deve cuidar, e não acho que o homem tem que fica proibindo a mulher de nada não mas, a mulher também tem que se dar o valor, só acho isso, eu entendi que o gênero é algo que agente aprende e ensina né, mas tem coisas que acho que a mulher que tem que fazer, e tem coisas que o homem, mas não, isso de homem maltratar mulher igual a gente vê não ta certo né, nem de ficando mandando e desmandando. Esse texto ai, é legal, tem coisa que não concordo não mas, como você veio discutindo com a gente, tem muitos tipos de valores né, e é isso que nossos alunos tem que entender, não tem um valor que é certo pra todo mundo, continuo aqui com os meus mas também não posso julgar o outro que tem valores diferentes dos meus né?!”